

VITÓRIA SOUZA SCARFONI

RAÍZES DO TEMPO
A ASCENSÃO DOS PRIMOGÊNITOS

1ª EDIÇÃO

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da Autora.

Esta é uma obra de ficção.

**Dados Internacional de Catalogação na Publicação
(CIP)**

(Ficha Catalográfica feita pela Autora)

S285a

Scarfoni, Vitória Souza

A Ascensão dos Primogênitos | Vitória
Souza Scarfoni [1º Ed], Independente,
2021. 407p.

ISBN: 978-65-00-16586-9

1. Literatura Brasileira

CDD: B869

Prólogo

A chuva caía forte com gotas grandes e pesadas, o céu repleto de nuvens trazia consigo a inevitável tempestade, caminhos de terra vazios e largos acumulavam toda a água. Elora, completamente imóvel, arrepiava-se a cada gota que tocava sua pele, estava confusa, perdida, sozinha. A sua frente, um vasto caminho coberto de lama, ao lado, apenas um campo limpo e claro, a alguns metros de distância, uma grande floresta. Com o corpo trêmulo, respirou fundo e deu o primeiro passo, ao olhar em volta, nada aconteceu.

O vento soprou, e as folhas fizeram sons agudos de desespero, um trovão soou pelos ares; a garota, sem pensar duas vezes, correu o mais rápido que conseguiu, seus pés descalços afundavam na lama, cada passo se tornava mais lento, outro trovão, e ela caiu deitada no chão. Com a roupa completamente suja, olhou para frente, pessoas de todos os lados vinham em sua direção, a respiração ofegante entregava seu medo, os olhos arregalados fitavam uma menina com vestido azul manchado de sangue, o corpo parecia bem vivo, os olhos castanhos encaravam-na com reciprocidade, nenhuma palavra foi dita, apenas um grito de agonia.

— Aaaaaahhh! — com os olhos estalados, Elora Licht tentava entender o que acabara de acontecer, não podia acreditar que era só um sonho, esfregou as mãos no rosto e pensou, ao ver o horário, “não é possível, de novo não”.

O1

Elora Licht

Eram seis e meia da manhã de uma Segunda Feira, as aulas começavam às sete horas, e mais uma vez iria se atrasar, as férias do meio do ano quase chegando e, finalmente, a formatura estaria próxima, Sexta Feira era o último dia de aula e seus dezoito anos nunca foram tão esperados quanto agora, mesmo assim, não se sentia preparada para a suposta responsabilidade. Ao ver o horário, levantou-se da cama com pressa e foi se arrumar, vestiu a velha calça jeans e uma camisa masculina branca, seus cabelos negros batiam nos ombros, já conseguia prendê-los, puxou-os para trás e fez um coque rápido e malfeito, por isso alguns fios ficaram soltos; era branca com o rosto rosado e boca avermelhada, o nariz relativamente grande e arredondado, a boca pequena, e olhos levemente puxados, como os de um gato, tinha exatamente um metro e cinquenta e oito de altura, bem baixinha em comparação com as demais garotas do colégio, não era magra, estava um pouco acima do peso, mas era encorpada, não era bonita, nem feia, simplesmente comum.

Ao se olhar no espelho, sabia que teria mais um dia difícil pela frente, sentia-se solitária na maioria das vezes, como se não pertencesse ao mundo, seu rosto demonstrava a insônia através das bolsas escuras embaixo dos olhos. Sem pensar muito, abriu a porta do quarto e saiu, a casa estava silenciosa, parecia vazia, sua mãe, na maioria das vezes, já se encontrava acordada.

— Mãe! — ela falou em tom alto — está em casa? — perguntou.

O silêncio foi predominante, nem mesmo um ruído, a casa tinha dois andares: o térreo, com sala e cozinha, e o segundo andar, com os dois quartos, o escritório e o banheiro. Era um lugar simples, porém aconchegante, não eram uma família pobre, vinham de uma longa linhagem, e preferiam manter a discrição, seu pai havia morrido em um acidente de carro, desde então, tinha apenas a mãe, com quem morava, a avó e o tio, que moravam na Romênia.

Com passos curtos e pesados, caminhou até as escadas e desceu no andar de baixo, tudo estava nos conformes: a mesa de café estava posta, com leite, frutas e ovos fritos, a cozinha era grande, com armários nas paredes e uma ilha de granito com a pia; à direita, o fogão e a geladeira; à esquerda, os bancos e uma pequena mesa para ambas realizarem as refeições diárias. “Deve ter ido para o trabalho mais cedo”, pensou.

O tempo estava nublado, a chuva caía tranquila e inofensiva, no geral, a cidade de Norwich não era muito empolgante, mas era um bom lugar para se viver. Chegando perto das cadeiras, Elora estranhou um barulho que vinha da parte de fora da casa, olhou pela janela e não viu nada além das gotas de chuva caindo no chão, seguindo o barulho, foi até a porta da frente e percebeu que a maçaneta estava sendo forçada.

— Mãe, é você? — perguntou relativamente baixo, com a boca trêmula, uma mistura de frio e medo corria por seu corpo, com os olhos fixos para a porta, aproximou-se devagar para abri-la, “deve ser ela”, pensou consigo por um instante. Assim que encostou seus dedos na maçaneta, a porta abriu com tudo e foi diretamente em seu rosto.

— Ai! Puta merda! — gritou depois de levar uma forte pancada da madeira dura da porta

— Desculpa, desculpa! — Alice repetia constantemente.

— Está tudo bem, mãe, fica tranquila! — respondeu.

Alice usava um suéter cinza com gola alta e mangas longas, uma calça jeans bem grossa e botas pretas velhas, que havia ganhado de aniversário no ano passado, tinha quarenta e três anos, mas aparentava ser mais nova, possuía cabelos negros e bem curtos, olhos castanho-claros, quase da cor do mel, boca grossa, nariz grande e arredondado, era magra e de pele branca.

— Onde estava? — a menina perguntou.

— A energia caiu por um tempo e não voltava, então eu fui checar com os vizinhos para ver se era na nossa casa, ou se o problema havia sido na rua toda. — suspirou com as mãos na cintura como uma vitoriosa. — Mas era um problema na rua e, pelo visto, já consertaram.

Apontou para as luzes da casa.

— Eu acordei atrasada, nem escutei o alarme direito. — disse com semblante sério.

— Eu percebi, pensei em te acordar, mas não tinha certeza se iria à aula. — disse.

— Eu estou pronta, só preciso escovar os dentes e pegar a mochila. — Disse, subindo as escadas novamente e indo até seu quarto.

— Ok. Mas vá logo, tenho vinte minutos para chegar ao escritório.

O vento estava forte, e a chuva aumentara, a expressão de decepção de Alice era nítida, as botas molhadas deixavam-na cada vez mais triste. Esfregava as mãos trêmulas e brancas de frio, uma à outra, na tentativa de aquecê-las. sem se mexer, olhou em direção à cozinha e percebeu que a comida estava intacta.

— Não vai tomar café? — gritou para que a filha pudesse escutá-la do segundo andar.

— Eu não estou com fome, só preciso escovar os dentes e estou pronta.

— respondeu no mesmo tom.

— Mas eu deixei tudo pronto para você — disse com semblante frustrado, parecia levemente magoada.

Elora escovava os dentes o mais rápido que podia, não queria atrasar sua mãe. Enquanto esfregava seus dentes com a escova, pensava em uma maneira de não magoá-la por não ter comido o café da manhã feito com tanto carinho e preocupação. Assim que terminou, pegou a mochila e desceu as escadas novamente.

— Me desculpa, mãe, eu levo para comer no lanche. — sorriu abraçando-a.

— Ok! — a mãe assentiu.

— Tive outro daqueles sonhos. — disse com receio, indo em direção à mesa de café da manhã. — eu não consigo tirar essas coisas da cabeça, e com toda a pressão em relação às faculdades... — suspirou — eu sei lá, às vezes sinto que não me encaixo aqui, tudo parece diferente desde os meus dezesseis anos.

— Eu sei, eu também me sentia assim na sua idade. — disse.

Essa era só mais uma das mentiras de Alice para a filha.

— Eu só queria esquecer tudo isso pra variar e finalmente ter uma boa noite de sono. — sorriu de maneira forçada.

Tentava ao máximo demonstrar estar bem, afinal sabia que a mãe não acreditava em uma palavra do que dizia a respeito de seus sonhos e sensações estranhas.

— Não pode se abalar porque não consegue dormir direito. Esse é o ano mais importante da sua vida. — disse, vislumbrando o futuro da filha.

— Olha... — continuou — eu não sei como essas coisas funcionam, nem sei como é passar por isso e não conseguir dormir em paz, mas eu posso dizer, com certeza, que vai passar, tudo passa e acredito no seu potencial, você sabe disso, tudo que precisa fazer é confiar e deixar o estresse de lado. — Concluiu em tom sério.

— É o que estou tentando fazer. — bufou, revirando os olhos e pegando uma maçã.

Alice continuava parada no mesmo lugar, seus olhos miravam toda a sala, seus pensamentos eram inúmeros, desde o trabalho até as faculdades em que imaginava ver Elora no futuro.

— Parabéns, agora você é a pessoa mais saudável do mundo, tenho é que parar de me preocupar. — resmungou, olhando para a maçã que Elora havia pegado para levar de lanche.

— Estou tentando emagrecer — disse, abrindo mais um sorriso no rosto.

— Eu não vou falar nada. — respondeu a mãe, indo até a porta.

— Confia em mim! — foi em direção ao carro. — eu sei o que eu estou fazendo. — falou em tom confiante já parada em frente ao automóvel.

— Se você diz... — trancou a porta de casa.

Alice caminhou até o carro, destrancou a porta automaticamente, entrou e sentou. Elora fez o mesmo. Assim que ambas se acomodaram, o silêncio pairou por um minuto, até que uma delas resolveu continuar a conversa.

— Coisas estranhas vêm acontecendo, e você sabe disso. — disse de maneira ríspida e virou o rosto para olhar pela janela, enquanto sua mãe dirigia para a escola.

— Já conversamos sobre isso, não sei mais o que fazer, já fomos a médicos de todos os tipos e todos disseram a mesma coisa, Lola. — afirmou. — É só ansiedade e nervosismo! Tudo isso em conjunto desencadeia uma série de sintomas, o que explica a insônia, os pesadelos, a sensação de estar sendo observada e todas as outras coisas que você sente.

Lola era o apelido para seu nome, todos a chamavam assim desde que tinha seus cinco anos de idade, era uma maneira carinhosa e amigável e por isso, Elora não reclamava, pelo contrário, até preferia.

— Nem tudo se resume em ciência, até porque se esse fosse o problema já teria se resolvido, não acha? — indagou de maneira irônica.

— Eu desisto! — lamentou Alice.

— Mãe, por favor, só estou pedindo para acreditar em mim, sei que parece loucura, mas sinto que essas visões, essa sensação de que algo está errado é um sinal de que existe algo maior. — disse em tom baixo, olhando diretamente para a expressão de sua mãe, sabia que ela não dava à mínima e não queria brigar por algo que não levaria a nada.

— Seja o que for, uma hora vai acabar e eu não posso fazer nada, sinto muito! Quero que foque no que é importante, no seu futuro, e, assim que você entrar de férias, tudo vai mudar.

— Espero mesmo que mude, porque eu já estou de saco cheio. — Resmungou.

Seu rosto expressava pureza e tristeza, a boca rosada e os olhos lacrimejando faziam-na parecer mais nova, sentia-se sozinha e sem propósito, seu corpo estava mudando de uma maneira mais séria do que a puberdade, suas visões eram fortes e complexas, sentia-se perseguida, com dor e sofrimento nas veias.

O resto do caminho foi baseado em silêncio e reflexão, seus pensamentos viajavam em todas as coisas que via, lembrava-se de sua avó paterna, a pessoa mais aventureira e inteligente que conhecia, como tinha poucas lembranças do pai, ela e seu tio eram os únicos que haviam restado desse lado da família, de alguma forma, sua mãe não se dava bem com sua avó, por isso era raro o momento em que se encontravam, mas mantinham o contato.

— Chegamos. — Alice afirmou.

O carro parou em frente à escola. Sem pensar duas vezes, Elora desceu e pegou sua mochila.

— Até mais tarde mãe. — acenou, fingindo estar satisfeita com a conversa.

— Até! Te amo, filha! — respondeu.

— Também te amo! — sussurrou para si mesma.

A chuva caía um pouco mais amena do que quando havia saído de casa, a rua continha pequenas poças, mas não era o suficiente para molhar os sapatos, a escola era grande e extensa, com dois andares: embaixo se encontrava o refeitório, as salas de artes, música, clubes e oficinas; no andar de cima, as salas de matérias convencionais, os auditórios e os laboratórios. A parte externa era azul e branca, com janelas de vidro que estavam presentes em toda a volta do prédio; os campos de futebol não eram visíveis, pois ficavam na parte de trás do colégio, só era possível ver a entrada.

Lola respirou fundo e caminhou até a porta, assim que entrou, observou todas as pessoas felizes, e o barulho de sempre, cada um com seu grupo, não era uma pessoa de amigos, na verdade, não tinha nenhum, sua única amiga havia se formado no ano passado e iniciado os estudos em uma faculdade em outro país, desde então não trocavam muitas mensagens nem se viam com frequência.

Com a cabeça baixa para esconder a cara de sono, seguiu em direção ao seu armário, abriu, colocou os livros e foi para a aula de história no segundo andar, tudo estava nos conformes. Assim que entrou na sala, o professor olhou-a com indiferença dizendo:

— Parece que a senhorita chegou atrasada de novo, não é mesmo?

Com a mão parada pressionando o giz que usava para escrever na lousa, fez sinal com a cabeça para que ela se sentasse rápido.

— Desculpa pelo atraso, senhor Forbes! — disse, indo diretamente para a única carteira restante.

As risadas e piadas eram inevitáveis, tudo o que tinha que fazer era fingir que não estava ouvindo. Sem nenhuma demora, o professor terminou de escrever na lousa, virou e continuou a aula.

— Vamos começar com a caça às bruxas. Alguém sabe como começou? — perguntou.

Todos continuaram em silêncio, alguns mexiam no celular, outros desenhavam caricaturas das demais pessoas da turma, e poucos realmente se importavam com o assunto que estava prestes a ser passado.

— Bem... Já que ninguém sabe, a caça às bruxas começou depois de Cristo. Era, na verdade, conhecido como herege todo aquele que discordava da política e religião da época. Antes de Cristo, não existia uma religião

universal e nem a propagação religiosa que conhecemos. Na época, existiam crenças em deuses e seres mitológicos, bem como aqueles que acreditavam no que podemos chamar de início da Astronomia. Foi nessa época que surgiram os primeiros filósofos, sociólogos, astrônomos, matemáticos e diversos outros conhecimentos, que auxiliavam a sociedade. Nesse período da história, a mulher ainda era proibida de estudar, alguém pode me dizer o porquê? — perguntou novamente, dessa vez, crente de que alguém responderia.

— As mulheres eram vistas como inferiores e, por isso, não podiam exercer nenhum cargo ou atividade equivalente à do homem. Após o surgimento do cristianismo, as mulheres que tentavam ir contra os dogmas eram consideradas bruxas, uma vez que eles acreditavam que estavam pactuando com algum ser do mal para adquirir inteligência e conhecimento. Eram consideradas frágeis e fáceis de persuadir. — Ana, uma menina tímida e muito inteligente, respondeu. Tinha os cabelos ruivos, era forte e um pouco mais robusta do que as demais meninas, seu rosto era repleto de sardas. Assim como Elora, ela não tinha muitos amigos, mas era respeitada pelos colegas.

— Muito bem, Ana, obrigada pela resposta, devo dizer que está completíssima!

Enquanto Eduard Forbes admirava a resposta de sua melhor aluna, um grito agonizante soou alto no corredor do segundo andar, o mesmo da aula de história. Todos ficaram em alerta, mas cada um tinha uma maneira diferente de demonstrar preocupação, a maioria ficou parada tentando entender de onde viera o som, alguns correram para a porta e outros riam como se fosse algum tipo de brincadeira.

— Fiquem todos em silêncio. — disse.

O professor sinalizava apenas com uma das mãos para que todos ficassem quietos.

— Shhh! — os alunos pediam silêncio.

Mais uma vez um grito agonizante soou pelos corredores, era a comprovação de que algo estava errado, todos saíram da sala o mais rápido possível, apenas Elora permaneceu sentada, quieta, como se não estivesse ouvindo.

— Lola! — ecoou a voz de um garoto.

Quando ela virou, olhou diretamente para Lucas, um de seus colegas de sala, ele a estava encarando com um olhar curioso, era alto, bem magro, com olhos pretos e cabelos castanhos, porém, por mais que conversassem nas horas vagas, não eram tão próximos.

— O que foi? — respondeu com expressão confusa e inquieta.

— Você não vai vir? — disse, franzindo os olhos, como se estivesse tentando entender o motivo de ela estar tão distraída.

— Vou, eu só vou...

Ficou em silêncio antes de completar a frase, olhava para a janela sem desviar. No vidro, a sombra de um homem parado, isso já havia acontecido antes e, por isso, não demonstrou medo, sabia que não podia agir como louca, principalmente em público, por um minuto ficou paralisada.

— Vai o quê? — Lucas continuou andando até a porta, enquanto perguntava.

— Nada, já vamos voltar mesmo. — disse, levantando da cadeira e indo em direção à porta.

No corredor, as paredes eram cobertas por azulejos brancos e azuis, o piso era frio e com aspecto de madeira, as luzes não iluminavam a área por completo, deixando apenas o centro visível e as laterais relativamente escuras, passando um aspecto sombrio e sério ao colégio. Diversas pessoas rodeavam, curiosas para saber o que tinha acontecido, bem no começo do corredor, um aglomerado de pessoas impedia a vista do que estava acontecendo.

Lola se aproximava devagar, tentando atravessar o mar de alunos curiosos. À medida que chegava mais perto, podia sentir um ar denso a rodear, bem a sua frente, uma menina estava caída. Sem hesitar, aproximou-se com cuidado e ajoelhou ao lado dela, sentia algo frio e vazio vindo da garota. Seu nome era Lúcia, mas Elora não sabia disso, na verdade, ninguém sabia, somente os funcionários da escola a conheciam. Sem conseguir entender, uma sensação que nunca havia tido antes surgiu em seu corpo. Lúcia aparentava seus treze anos de idade, tinha cabelos loiros, olhos bem azuis e expressão de dor; o corpo tremia, os olhos pareciam revirar-se devagar em vários espasmos, a boca estava roxa, e o rosto pálido, a ambulância estava a caminho, alguns professores estavam tentando ajudá-la, mas nada parecia funcionar.

— Ela está tendo uma convulsão! — Forbes afirmou ao lado de Elora.

— Calma! — falou com uma voz tranquila e suave. — Vai ficar tudo bem.

Passava a mão na testa da garota com doçura, seus dedos se entrelaçavam nos fios louros espalhados no chão. Todos ao redor a observavam com cautela, estavam tentando entender o motivo de tanta preocupação e cuidado. Lola não sentia medo, permanecia calma na medida do possível, era a primeira vez que se encontrava em uma situação como essa, respirava devagar e profundamente a fim de descobrir o que faria a seguir, de alguma forma se sentia pronta, por um minuto, pertencia a algum lugar.

— Vamos lá, acorda. — sussurrou para si mesma.

Com as mãos estranhamente quentes, acariciou as mãos de Lúcia, feito isso, seu corpo estremeceu, podia sentir medo, dor e sofrimento, como se a escuridão e o vazio a consumissem por dentro e rasgassem todas as partes e lembranças felizes de sua mente. Por um momento, Elora não foi capaz de sentir ou enxergar, estabilizando-se em um nada infinito, até que sua

primeira lembrança feliz retornou aos seus pensamentos para salvá-la da solidão completa. A recordação de seu pai a olhando quando tinha seus três anos de idade, poucos dias antes de morrer, pronunciando de maneira calma e feliz “você é minha luz, minha vida e será sempre a prova de que as coisas boas podem sobressair às ruínas e de que qualquer um é capaz de amar”. Fizeram-na voltar à realidade, lágrimas caíam devagar uma a uma. Olhando em volta, todos estavam assustados e em silêncio, a convulsão havia parado, a garota olhava fixamente para o rosto de Elora em desespero.

— Emma... É você? — perguntou, fitando-a

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela desmaiou.

— O quê? — Lola sussurrou sem entender nada.

— Acho que a convulsão parou, a pulsação voltou ao normal. — a diretora Russel disse com as mãos no pulso da garota.

Elora não conseguia acreditar, era como se seu toque a tivesse curado, e a prova estava bem em frente aos seus olhos, suas mãos não possuíam a mesma capacidade de movimentação e permaneciam parcialmente dormentes; o corpo, mesmo com sua emoção à tona, continuava vazio, escuro e sem sentido, seus olhos fitavam o nada, paralisados em um ponto inútil, a mente travada e incapacitada de reagir transpassava desespero, até que uma voz soou alto, quase como um grito em seu ouvido.

— Está quente de novo! Graças a Deus! Teremos que notificar os pais dela e avisar sobre o ocorrido. — disse a diretora Russel. — vou levá-la para enfermaria. Assim que ela for levada para a ambulância, iremos avisar. Por ora, ela precisa descansar até que os enfermeiros cheguem, é melhor você voltar para a sala junto com os outros. — disse diretamente a Elora.

— Ela vai ficar bem? — perguntou preocupada.

— Acredito que sim! — Russel respondeu. — não sei o que ou como fez, mas parece ter ajudado, tenho certeza de que ela vai se recuperar. Todos para as salas AGORA! — gritou.

— Espero que sim. — sussurrou.

Ainda em choque, ela se levantou e virou para retornar para a sala, todos a encaravam com semblante de susto e medo, parecia uma estranha, mesmo com todos a conhecendo; seus ossos doíam e seu corpo frio sofria com espasmos quase imperceptíveis aos olhos alheios, a última coisa que queria era transpassar seus sentimentos, por isso continuou com a cabeça baixa até chegar à sala, sem demonstrar qualquer semblante; era estranho para ela não ter com quem conversar ou dividir acontecimentos. As pessoas pareciam não se importar de verdade com o que estava acontecendo e sim com a improbabilidade do caso, queriam fofocar e espalhar as coisas mais bizarras e malucas para a escola toda, eram apenas adolescentes tentando se sentir importantes e úteis, Elora não tinha nem como se defender, estava tão confusa quanto qualquer outro aluno, a diferença era que ela era o as-

sunto e não podia fazer nada a respeito, o dia para ela definitivamente tinha acabado, mas as responsabilidades não.

02

Elora Licht

Quando o primeiro sinal tocou, todos saíram da sala para o intervalo entre aulas. Lola, no entanto, continuou sozinha no local, ao contrário da maioria das pessoas, ela precisava de um tempo a sós, não era grossa, nem ao menos antipática, apenas se mantinha quieta e afastada desde os últimos meses, tinha medo de que os outros descobrissem suas crises, então preferia manter distância.

— O que uma garota tão bonita faz aqui sozinha? — disse uma voz masculina.

Um garoto, de pele negra, olhos castanhos, cabelos encaracolados escuros e com aparência madura se dirigia a ela. Usava um agasalho de moletom com uma blusa vermelha e cinza-claro e uma calça preta, e tênis branco nos pés.

— E você é...? — disse com olhar desconfiado, virando em direção ao garoto.

— Marcos, o novo monitor, eu sou responsável pelas salas e pelas pessoas que se apossam delas no intervalo. — falou em tom de ironia.

— Foi mal... É que... — disse com culpa, estava realmente envergonhada. — eu já vou sair.

— Fica calma moça, só estou brincando.

— Ok! — suspirou e coçou a cabeça.

— Ainda não respondeu minha pergunta. — sorriu.

— Eu gosto de ficar sozinha, tenho mais tempo para pensar.

— Entendo. Também não sou lá essas coisas com as pessoas — riu levemente, parecia confuso, mas a achava engraçada. — ainda não me disse seu nome.

— Elora — disse, sentada na cadeira em frente a sua carteira, enquanto olhava para o seu caderno.

— É um prazer te conhecer! — estendeu a mão.

— É — disse, tentando não parecer grossa.

Em vez de estender a mão, preferiu não tocar em mais ninguém, tinha medo de que acontecesse algo ainda mais estranho ou pior, que machucasse alguém, a sensação que emanava de seu corpo não era boa, na verdade, era horrível, o vazio era com certeza a pior coisa a se sentir, e, nesse momento, era exatamente o que Elora sofria.

— Dia Ruim? — franziu a testa e deu de ombros.
— Tá mais para ano ruim. — riu ironicamente.
— Bem, eu não queria te atrapalhar, mas preciso que vá para o pátio com os outros — disse sem jeito.
— Imaginei que diria isso.
— Eu realmente não queria dizer. — encarou-a. — mas são ossos do ofício.

— Entendo — fechou o caderno ainda com a cabeça baixa, de modo calmo. — já estou saindo. — pegou seu celular e seus fones de ouvido pretos, colocou no bolso e levantou, andando em direção à porta.

— Pensa pelo lado positivo! — afirmou. — sua aula nem é nessa sala mesmo. — sorriu.

— Decorou bem o horário para o primeiro dia como monitor.

— Você sabe mesmo o que é ser um monitor? Sério, isso é... Tipo... É meu único trabalho aqui, observar e gravar todas as aulas dos alunos do segundo e terceiro ano. — respondeu descontraído, com um semblante de brincadeira.

— Está no segundo ano e eu não me lembro de você no ano passado, que estranho! — passou por Marcos, seguindo para o pátio sem nem ao menos olhar para trás, ele, no entanto, continuou com semblante de riso.

— Entrei neste ano, e sou do primeiro ano. — gritou brincando.

— Ainda é um bebê, vai aprender muito ainda. — respondeu em tom irônico, descendo as escadas.

— Pega leve. — riu. — são só dois anos a menos. — disse antes de Elora sumir de sua vista.

Os olhos de Marcos estavam mais escuros do que o normal, mesmo usando do mesmo dialeto e obtendo os mesmos pensamentos, ainda assim não eram os mesmos, ele a observava com atenção enquanto ela saía de seu campo de visão, sua pupila dilatou rapidamente e seu corpo estremeceu; balançou a cabeça e passou as mãos rosto, “Que porra foi essa?” — pensou. Subitamente, não se lembrava de nada, nem de como havia chegado até ali, o semblante confuso denunciava todos os seus pensamentos momentâneos, que não eram muitos, tudo o que queria era voltar ao seu trabalho e continuar do ponto de que se lembrava, era enfermeiro e deveria estar junto à ambulância auxiliando Lúcia.

O pátio estava cheio, pessoas de todos os estilos passavam seu tempo conversando, fofocando e vivendo suas vidas da maneira que conseguiam e achavam melhor, o local era claro, com várias árvores ao entorno, havia partes cobertas para que, no inverno, o frio não impedisse o intervalo, e áreas externas que ressaltavam a beleza da natureza e do verão. Os bancos

eram de madeira e a cantina se encontrava bem em frente a um grande espaço com flores espalhadas; o clima permanecia frio e o céu nublado passava a ideia de um dia ruim, no outono, era comum que as cores se tornassem mais acinzentadas. O corpo de Lola ainda se encontrava assustado com o acontecido, seus sentimentos eram inexistentes, estava tentando de todas as maneiras, mas não sabia ao certo quanto tempo sua cabeça e seu corpo iriam aguentar até que desabasse com tantas sensações ruins, ouvia vozes, sentia dores, o coração palpitava, mas a mente se encontrava centrada em passar despercebida.

— Curtindo o primeiro dia? — disse uma voz familiar.

— Mandy? — olhou surpresa. — o que faz aqui? — sorriu, enquanto permanecia com os braços cruzados observando a multidão.

— Achou que eu tinha te esquecido? — indagou com olhar emocionado.

Era sua melhor amiga, estavam distantes desde que Amanda foi para a faculdade, era um instituto pouco conhecido na Alemanha, mas era bem conceituado, era restrito e difícil de entrar, quase que uma sociedade secreta, e de alguma forma ela havia sido chamada. Tinha cabelos loiros escuro, ondulados, olhos verdes, parecendo os de um gato, e rosto extremamente simétrico, era linda para o padrão de beleza da mídia, tinha lábios grossos e rosados, extremamente branca, magra e alta. Com um vestido e botas totalmente pretas, meia calça cor da pele e um casaco marrom, atraiu a atenção de todos que ainda se lembravam dela.

— Claro que não. É que nem me avisou que estava voltando, quando chegou à cidade? — disse entusiasmada.

— Cheguei ontem à noite, meus pais foram me buscar no aeroporto em Londres. — respondeu.

— E seu irmão? — Lola indagou curiosa.

— Esse aí não volta é nunca, depois de se recusar a voltar para casa nas férias, meus pais surtaram — riu.

Com sua mão gelada tocou o ombro de Lola e arregalou os olhos, a menina notou o semblante de Mandy e disse:

— Você está bem?

— Estou... — disse com a cabeça baixa demonstrando estar pensativa — pra falar a verdade vim te chamar, ver se queria matar aula hoje?

— Querer eu queria, mas o dia já está uma merda, imagina ficar com falta na última semana de aula.

— Quando foi a última vez que faltou? — perguntou, com semblante de ironia.

— Tá! Só desta vez. — levantou as sobrancelhas.

— Só hoje, prometo! — sorriu.

— Deixei a bolsa no armário. — afirmou.

— Amanhã você pega, vai vir aqui mesmo de qualquer jeito.

— Verdade, nem pensei nisso — afirmou indo em direção à saída com Amanda.

— Se eu soubesse que iria me fazer ir embora, teria ficado em casa, afinal onde quer me levar? — perguntou.

— No momento? Na cafeteria... — passaram pela porta tranquilamente e seguiram pela rua até o carro de Mandy.

O carro era inteiro preto, grande e espaçoso, claramente não era dela, afinal, desde o último ano estava estudando na Alemanha. Era um ano mais velha que Lola, e sua família possuía grande poder aquisitivo. No mesmo instante que viu o automóvel da amiga, sabia que era do irmão dela, David. No verão passado, viajaram para a praia com ele, eram tempos bons que a deixavam feliz.

— Como o convenceu a te emprestar o carro? — indagou, enquanto se aproximava do carro com as mãos nos bolsos e um olhar perverso.

— Não convenci. — respondeu com um sorriso. Entrou no carro e olhou para Lola pela janela, enquanto repousava sua mão sobre o volante. — Desde que ele foi para a faculdade, não usou mais essa belezinha aqui, então eu peguei para mim, e até agora ele não sentiu falta. — abriu a porta do carro e entrou. — vai entrar ou não? — falou pelo vidro do carro.

— Só pode ser brincadeira. — disse em tom baixo, mas o suficiente para que fosse ouvida. Entrou no carro e colocou os cintos.

— Relaxa, eu não tenho carta, mas eu sei dirigir desde os doze anos. — Falou, enquanto ligava o carro.

— Vai se ferrar! — disse brincando, ambas sempre faziam isso uma com a outra sempre que estavam juntas.

O carro seguia para o centro da cidade, o rádio estava ligado, e a música do momento tocava. No banco do passageiro, ela olhava pela janela, lembrando todas as coisas do ano passado, seu corpo recobrava o sentido finalmente, e todas as sensações retornaram, sentia o coração bater mais rápido, e um sorriso de ponta a ponta estava estampado em seu rosto.

— Tá pensando em quê? — Amanda disse, enquanto admirava o sorriso da amiga. — não me diga que está apaixonada?

— Só lembrando o passado. — disse em tom suave. — você faz falta aqui, sabia? — seus olhos lacrimejavam.

— Queria poder ficar mais do que alguns dias, mas não posso, não tenho permissão. — comentou com semblante triste.

— Precisa de permissão?

— Parece estranho, mas precisamos, principalmente quando estamos em treinamento.

— Treinamento? Não sabia que praticava esportes. — Amanda engoliu seco, parecia nervosa, Elora percebeu a inquietação, mas preferiu não dizer nada.

— Natação, é que lá eu descobri um verdadeiro amor por natação.

— Quem diria, hem? — falou impressionada.

O carro parou em frente à cafeteria, ambas desceram, estava ainda mais frio do que no início do dia.

— Nada melhor do que um café nesse frio de merda. — Amanda disse, olhando para o estabelecimento.

O local era inteiro decorado, elas costumavam ir lá com frequência, já conheciam todos os pratos e preços, continuavam praticamente idênticos aos que recordavam, só alguns um pouco mais caros. Com paredes de madeira antiga, forradas de quadros e decorações rústicas, as cadeiras eram de almofadas fofas e quentes, as mesas eram de madeira polida e envernizada, o balcão era grande de metal e possuía máquinas de café para todos os lados, não estava lotado, havia apenas algumas pessoas se aquecendo na frente de uma lareira, que ficava bem ao lado de uma das janelas, em volta, ficavam alguns sofás de descanso e livros em uma estante organizada.

— Então, Lola... — sentou-se à mesa — está muito quieta desde que te encontrei, me conta como estão as coisas, os planos pra faculdade, a sua mãe. — A garçonete se aproximou.

— O que vão querer? — perguntou em pé à espera de um pedido, usava uma calça *jeans preta, uma blusa azul escura com o logo da cafeteria, um urso branco e seus filhotes, representando segurança e aconchego.*

— Vou querer um café e panquecas com chocolate. — disse Amanda.

— Pra mim pode ser só o chocolate quente mesmo. — complementou Elora. Sentiu o celular vibrar em seu bolso. — falando em mãe... — Atendeu.

— Alô filha? Está na escola? — indagou Alice em tom de preocupação.

— Não, eu vim na cafeteria com a Amanda. — respondeu.

Para surpresa de Elora, Alice não a advertiu e sim expressou saber exatamente sobre o encontro das duas, como se ela mesma tivesse planejado tudo, dizendo:

— Ah! Ela já chegou, que bom, bem ela vai te levar pra casa, eu não vou voltar para casa cedo, irei demorar, terei que resolver umas coisas aqui no escritório. — disse rápido.

— Espera... Vocês se... — olhou para Mandy, sem entender nada.

A mente de Lola tentava associar o que estava acontecendo, aparentemente, Amanda havia tido uma conversa com Alice.

— Tenho que ir, te vejo em casa, até. — desligou.

— Mas o que deu em você hoje? — disse com os dentes cerrados olhando diretamente a amiga.

— Eu posso explicar, eu juro! — disse com semblante de culpa e um sorriso de desculpa característico de sua pessoa. — eu já estava planejando vir pra cá, e então sua mãe me ligou e me pediu para vir, disse que você estava sentindo minha falta e que ia ajudar se eu viesse te ver, além disso, ela me pediu para conversar com você sobre uma coisa importante.

— Que coisa importante? — cruzou os braços. — e desde quando você virou correio? — ironizou.

Por mais que Amanda entendesse a frustração de Elora, não hesitou em dizer somente o combinado, queria o bem da amiga tanto quanto sua mãe, e dada as circunstâncias de sua crise de ansiedade, sabia que não era uma boa despejar um monte de informações de uma vez só, por isso, optou por seguir o plano.

— É um pouco complicado e repentino, eu mesma fiquei sabendo há dois dias sobre isso. — falou pausadamente, a comida tinha acabado de chegar. — podemos comer primeiro e eu te explico depois, quando chegarmos em casa, o que acha?

— Eu acho que eu gostaria de saber agora. — ironizou. — eu não sou um cristal. Adoraria que parassem de me tratar como se eu fosse uma criança frágil.

Seu corpo começou a formigar, não sentia sua mão esquerda, a respiração estava mais rápida e não se sentia aquecida o suficiente, era um péssimo dia para conversas, mas mesmo assim estava disposta a se comportar como a pessoa adulta e calma que sempre foi.

— Minha família fez um acordo com a sua mãe e comprou a casa. Você e sua mãe vão para Romênia, e é uma viagem só de ida. — falou em tom sério. — sua mãe achou que se eu te contasse seria mais fácil para você aceitar essa mudança brusca. — continuou.

— Não dá pra entender! — bradou. — sério, ela sabe que eu amo a Romênia, por que não me contaria isso? Não faz sentido. — continuou tomando seu chocolate.

— Eu não sei, Lola, de verdade.

—Mas, e a escola? Teriam que emitir uma transferência, certo?— Indagou.

— Ela já acertou tudo com a diretora, vai ser transferida para a escola local de Cluj-Napoca, é a Segunda maior cidade da Romênia se não me engano. — levantou as sobrancelhas.

— Vai voltar para a Alemanha quando? — perguntou.

— Um dia antes de você ir — sorriu terminando seu café. — sabe, se acha estranha essa mudança toda, deveria ligar para sua avó ou para o seu tio, devem saber de algo.

— Faz tanto tempo que ela não me retorna, fico até preocupada.

— Não custa tentar, e sua mãe deve ter um e-mail, não é possível que

ela não os tenha avisado. — levantou as sobrancelhas como se estivesse tendo uma ideia. — aproveita que ela vai chegar tarde e vê se descobre alguma coisa.

— É uma boa ideia! — olhou de maneira maliciosa.

— Confesso que não tenho ideias assim sempre. — disse levantando para ir embora.

— Já é meio-dia! — disse olhando para o celular assustada.

— Passou rápido.

— Então vamos! — seguiu em direção ao caixa. — sei que pode ficar um pouco chateada, mas sua mãe me contou algumas coisas sobre suas crises de ansiedade e tudo mais.

— Como sempre, imagino que ela tenha contado a versão dela. — Bufou.

— Mas eu quero ouvir a sua versão, você sabe que pode conversar comigo sempre.

— Não é tão simples. — suspirou... — se nem minha mãe acredita em mim.

Ambas pagaram a conta e saíram do estabelecimento, seguindo em direção ao carro, Amanda sabia exatamente tudo o que estava acontecendo com a amiga, no entanto, não podia dizer uma palavra sequer a respeito disso, tinha um acordo e, no fundo, sabia que não cabia a ela contar e sim a Alice, tudo o que podia fazer era ouvir, aconselhar e reconfortar Elora, e era exatamente isso que pretendia fazer.

— Eu não sei o que dizer, não sei como se sente ou o que sente, mas se me explicar, eu posso tentar. — disse olhando para Lola, com os braços cruzados de frio.

Elora estava irritada mais do que o normal, seu corpo não era mais controlável, não dormia direito há dias, procurava respostas lógicas e maneiras de se manter estável, mas nada funcionava e ninguém conseguia ouvir, apenas fingiam que compreendiam o incompreensível.

— Tem certeza? — indagou, entrando no carro.

— Eu quero ouvir de você. Quero que me conte seu lado da história. — disse ainda olhando para ela.

— Sai da chuva, em casa eu te explico tudo.

03

Elora Licht

No escritório, Alice realizava seu trabalho diário, o espaço era pequeno, mas aconchegante. Atuava em uma imobiliária, não era um local muito famoso e conceituado, tinha portas de vidro na entrada, a parte externa era inteira cor creme, com janelas de vidro que combinavam com as portas. Em seu interior, as paredes eram pintadas de vinho, com detalhes de cerâmica, havia um aquecedor para manter o lugar em um clima estável; na parte da frente, era possível enxergar os quatro balcões e cadeiras de madeira envernizada. Seguindo em frente, havia duas salas: a primeira era do dono da imobiliária; a segunda, de Alice, que era responsável por toda a parte administrativa. Seu escritório era inteiro com papel de parede cor de madeira, com uma mesa de vidro ao centro e um computador de última geração, ao lado, um sofá e duas cadeiras para que aqueles que precisassem falar com ela pudessem ter um local confortável; na parede, alguns quadros de paisagens locais, já em sua mesa, duas fotografias: uma de Alice com seu marido, e outra de Elora, com seus oito anos de idade, para ela, a melhor fase que passou ao lado da filha.

Alice era o nome pelo qual atendia tanto no trabalho como com os amigos, ela gostava de seu nome de registro. Vidrada no trabalho e preocupada em como a conversa entre Amanda e Elora seguia, permanecia sentada realizando os cálculos da empresa, quando recebeu uma mensagem de Martim, irmão de seu falecido marido: “Já contou para ela?” Sabia que precisava esclarecer muitas coisas à filha, torcia para que tudo saísse como o esperado e tudo pudesse voltar ao normal, pensava consigo mesma “Ela nunca vai me perdoar”. Mesmo assim acreditava ser a coisa certa a fazer, esperar apenas mais alguns dias.

O celular tocou, era Martim novamente, sem deixá-la em paz por nem um minuto, resolveu finalmente atendê-lo.

— Oi — atendeu de maneira seca.

— Que bom que me atendeu, estou tentando falar com você há dias. Tim, como costumava o chamar, tinha uma voz agradável e carismática, era muito querido pela sobrinha e muito próximo de sua mãe, Elizabeth. De todos da família, somente ele continuava em Cluj-Napoca.

— Eu estive muito ocupada, planejando a viagem e todas as outras coisas, incluindo a saída do trabalho, tenho que manter tudo em dia com a Administração.

- Quando você sai de vez? — indagou.
- Quarta-Feira, um dia antes da viagem.
- E já arrumou um emprego por aqui?
- Estou procurando, por enquanto, só algumas entrevistas marcadas.
- articulou indiferente.
- Sempre será bem-vinda ao banco, estamos precisando de um administrador competente.
- Ainda estou pensando na proposta. — sorriu.
- Ok! Vou ser paciente. — respondeu animado.
- Como ela está? — perguntou suspirando, em tom baixo.
- Aguentando na medida do possível. Ela quer muito que Elora esteja presente logo, disse que está na hora e que não devemos esperar mais.
- Não tenho como ir a hora que eu quiser, tudo isso foi muito inesperado, consegui passagens apenas para Quinta-Feira. — respondeu ríspida.
- Eu entendo, mas é justo que ela veja a neta, Elora é a única descendente viva e logo será a última da linhagem.
- Eu sei, ficaremos por aí para que ela comece o treinamento.
- Quando planeja contar? — perguntou sério.
- Hoje, Amanda está cuidando disso.
- Pediu para a melhor amiga? Sério? — bradou indignado.
- Eu ainda sou a mãe, não conteste minhas decisões.
- Então conte a ela, uma boa mãe faria isso, ela precisa saber a verdade mais do que nunca. — disse ríspido.
- Tenho que desligar.
- A voz trêmula e a respiração profunda de Alice denunciavam seu estado emocional, que não dizia respeito somente a Elora.
- Espera... — disse. — E nós? Como ficamos? — Martim acrescentou.
- Eu sou casada. Foi um erro.
- Alice... Já faz quatorze anos. Ele não vai voltar.
- Você não sabe disso. — disse, com voz de choro e desligou.

Com uma mistura de raiva e preocupação, jogou o celular na mesa, debruçou sobre ela e colocou as duas mãos no rosto, enxugando as lágrimas, no fundo sabia que ele estava certo, já tinha decidido, iria consertar as coisas. Ainda era uma e meia da tarde, chegaria em torno das oito da noite em casa, se seu plano estivesse certo, seria tempo suficiente para organizar as últimas pendências, conversar com a filha e embarcar no dia vinte como o esperado.

Elora abriu a porta da casa e entrou; Amanda a acompanhou, deixando seu casaco e sapatos na porta.

— Eu não venho aqui há um tempo, continua igualzinho. — disse.

Mandy se sentia nostálgica, sempre dormia na casa de Lola, faziam comida, arrumavam-se juntas e falavam sobre o futuro. Um dia antes de ir embora, deu a ela um colar, ambas estavam tristes, mas se acostumaram rápido, mesmo tão distantes e em meio a todas aquelas lembranças, nada havia mudado, a amizade continuava a mesma independente de terem se distanciado, e isso era uma das coisas mais interessantes no relacionamento das duas amigas.

— Vamos subir, vou ligar o aquecedor, daí eu te conto tudo o que quiser saber. — sorriu.

Elora tentava não parecer triste, queria se sentir bem, por ora, todas aquelas sensações ruins haviam passado e somente as boas tomavam forma, pela primeira vez em muito tempo, sentia que podia recomeçar e passar por cima de todas as dificuldades invisíveis aos olhos.

— Eu já vou. — Amanda respondeu enquanto pegava um copo de água.

Enquanto isso, Lola subiu as escadas, ligou o aquecedor e deitou em sua cama, os cobertores eram azuis sem estampa alguma, as paredes eram verde-claras, com algumas fotos coladas na parede, havia um armário de madeira branco embutido na parede, um espelho no exterior da porta e uma escrivaninha bem ao lado da janela onde podia estudar quando precisasse, era uma ótima casa, e agora iria para uma nova casa, talvez a de sua avó.

— Então, vamos ao que interessa. — Amanda enunciou.

Esfregava uma mão a outra rindo e expressando brincadeira.

— Hum... — Lola murmurou pensativa. — o que quer saber? — Questionou.

— Quando os sonhos começaram?

Aquilo foi um tapa na cara de Lola, por essa ela não esperava, algo tão direto e incisivo assustaria até mesmo os amigos mais íntimos. Confusa, sabia a resposta, mas não tinha certeza de como responderia.

— Faz exatamente dois meses. — assegurou.

Mexia em seu travesseiro constantemente, mostrando-se ansiosa com a primeira pergunta, não queria parecer maluca ou algo parecido.

— E as sensações? As pessoas que tem visto? — olhou diretamente em seus olhos.

— No mesmo período, eu acho... — disse desconexa. — isso realmente importa?

— Claro que sim! — bravejou. — eu sei exatamente como se sente, eu também passei por isso, de maneira diferente, mas passei.

Amanda sentou em frente à Lola, com delicadeza segurou em suas mãos agitadas e confusas, seus olhos passavam a sensação de carência e desordem, claramente precisava de alguém que a ouvisse sem julgamentos, nenhuma palavra precisava ser dita naquele momento, mas logo voltaram a conversar.

— O quê? — sussurrou confusa.

— Lembra quando fiquei afastada da escola? Que eu nem queria que me visitasse? — explicou.

— Lembro. — afirmou.

— Eu estava mudando, sentia dores e coisas diferentes aconteciam comigo, eu tinha ataques de raiva e, do nada, machucava as pessoas sem querer, então me afastei o máximo que pude, tive que aprender a conviver com coisas que não entendia e no fim, eu consegui. Sei que parece estranho e impossível agora, mas faz parte de você, de quem você é. — concluiu.

— E o que eu sou? Por que isso está acontecendo? — disse com voz de desespero e choro. — eu preciso saber o que tem de errado comigo. — Gritou esfregando as mãos no rosto.

— Fica calma! — disse com voz doce e suave.

Com o corpo leve e concentrado, passou a mão no rosto da amiga com o propósito de tranquilizá-la, sem ser notada, pronunciou quase que em silêncio pequenas palavras em sons doces e melódicos: “Hvile nã, ikke tenk på noe, TIden vil gi svarene Du trenger”.

— Me ajuda... — disse sonolenta.

Seus olhos se fechavam lentamente, tentava entender o que estava acontecendo, mas seu corpo e mente não respondiam, a última coisa que viu foi o rosto de Amanda e apagou.

— Sinto muito! — disse com semblante triste. — você vai melhorar, eu prometo!

Depois de apagá-la, saiu silenciosamente, ainda eram três da tarde, seu corpo tremia e se sentia culpada por ter feito algo como aquilo, embora fosse necessário para que a amiga se acalmasse. Desceu as escadas, pegou suas coisas e saiu, a chuva havia parado, o céu abriu um pouco, já dentro do carro, bateu as duas mãos com raiva no volante e encostou a cabeça próxima às suas mãos “que merda que eu fiz”, parou e olhou seu celular, nenhuma chamada; foi até as últimas ligações e discou.

- Alice? — disse.
- Oi...Amanda? — respondeu surpresa.
- Está feito! — suspirou.
- Ela vai se lembrar de algo?
- Não, coloquei em suas lembranças que nos divertimos e depois ela pegou no sono. — afirmou.
- As manifestações irão parar? Totalmente? — indagou curiosa.
- Irão melhorar, mas não posso prometer que irão parar por completo, nunca vi algo tão forte como nela e ainda estou praticando, nada do que ela passou foi apagado, mas com a minha camuflagem não vão achá-la. — Garantiu. — pelo menos não até chegarem à Romênia.
- E as visões, os sonhos? — continuou.
- Impossível fazer parar, faz parte da espécie dela, magia nenhuma vai fazer isso. — respondeu com voz trêmula de choro. — entenda, ela está em desenvolvimento, todos nós passamos por isso, até mesmo os humanos, e você deveria saber que é essencial que ela treine e compreenda a dimensão do que carrega.
- Obrigada! — respondeu aliviada.
- Não fiz por você, fiz por ela.
- Eu sei.
- Não me peça nunca mais, acredita em mim, se prolongar, isso vai ficar pior, vai destruí-la por dentro, a energia dentro dela é pura e, por conta de má informação, está se corrompendo, não vai gostar do resultado.
- Já perdi meu marido, não vou perdê-la também. — bradou. — Não posso perdê-la... — disse com voz de choro.
- Então conte a verdade.
- Engoliu seco e desligou.

Era noite, o frio se estendia por todo o local, Elora se encontrava em uma cidade afastada, diferente de tudo o que conhecia, estava escuro e não era possível ver e analisar certas paisagens, uma longa floresta em torno da cidade era visível, casas de madeira velha com telhados destrocados, as ruas eram de pedras e a iluminação era pouca, apenas algumas luzes espalhadas em pequenos lampiões escuros permitiam uma melhor visualização da antiga cidade. Seu corpo permanecia parado, seus olhos observavam com cuidado e seus ouvidos estavam sempre atentos a qualquer barulho, ouvia gritos de guerra e de socorro, andou rápido atrás do som. Conforme ia passando pelas ruelas da cidade, encontrava corpos por todos os lados, crianças

chorando por seus pais, homens e mulheres lutando para sobreviver. Quando finalmente chegou à área central se deparou com uma grande batalha, monstros e criaturas estranhas lutavam e gritavam derramando sangue por onde passavam, todos os tipos de seres sobrenaturais eram visíveis, estavam batalhando por sua sobrevivência. A área central era gigante, com uma grande área aberta, os inocentes se escondiam da maneira que encontravam, alguns grupos ateavam fogo nas casas, outros invadiam tentando violar mulheres e sequestrar crianças, não eram monstros, eram humanos, agindo como animais. Vendo tudo aquilo, seu corpo estremeceu, as pernas bambas, o estômago embrulhado, não conseguia assistir a algo tão cruel, nem ao menos sabia por que estava lá ou o que estava acontecendo, qual era o verdadeiro lado.

O céu escuro demonstrava o ar corrompido de cinzas, a descarga de adrenalina em seu metabolismo a fez correr, corria sem saber ao certo para que lado, passava pela guerra, tentando não ser arrastada, sentiu um alívio assim que conseguiu avistar uma pequena saída, uma casa com a porta aberta, parecia um bom local para se esconder até entender a loucura em que se encontrava presa. No entanto, toda a população seguia para a floresta, o motivo era incerto, tudo era incerto. Quando estava perto de conseguir se esgueirar por uma pequena ruela a caminho da pequena casa, sentiu seus pés sendo puxados com toda força que poderia imaginar, sem conseguir andar, caiu, um homem subia em cima de seu corpo tentando prendê-la ao chão, seus olhos demonstravam ódio, queria matá-la e puni-la.

— É sua culpa, sua vadia! — disse enquanto prendia os braços de Lola no chão. — você acha que somos iguais? Eu vou fazê-la pagar pelo seu erro. — disse e cuspiu no rosto da garota, que desviou como pôde.

— PARA! POR FAVOR! — gritou.

Seus olhos lacrimejavam, sentia-se desesperada, não controlava seu medo de morrer ou de ser violentada, sentia o cheiro de lixo e via a situação em que o homem estava. Fechou os olhos com dor de tanto que o homem apertava seu punho, tentava chutá-lo, mas suas roupas não permitiam uma boa movimentação, estava com um vestido rosa claro longo, não muito grosso, com tecido quase igual ao de uma camisola, sobre ele, usava um casaco de pele, que a mantinha aquecida. O homem tinha olhos escuros e não possuía cabelos, usava uma camisa marrom suja de sangue e terra, calças rasgadas e sujas da mesma cor. Com uma das mãos, agarrou o pescoço de Elora com força e aproximou-se de seu ouvido.

— Assassina! — sussurrou, apertando o pescoço da garota com ainda mais força.

Ela não conseguia respirar, seus pulmões se esforçavam e tentavam puxar o ar, mas era impossível, quase perdendo o sentido, ouviu um barulho forte de pancada, arregalou os olhos, o homem caído em cima de seu corpo estava desmaiado; bem a sua frente um homem a olhava cansado,

suspirando como se estivesse aliviado por tê-la encontrado, segurava um machado nas mãos sujas de sangue, usava roupas pretas, uma capa de seda azul-marinho, tinha olhos escuros e cabelos negros, continuava a encarando, abaixou-se perto dela e estendeu-lhe a mão.

— Preciso te tirar daqui, vão te matar. — disse com olhar preocupado e com a respiração ofegante. Puxou-a pela mão, levantando-a. — rápido! Por aqui. — guiou-a para a ruela escura e estreita.

Seguiam o mais rápido que conseguiam, tentando passar despercebidos, estava muito escuro, o homem misterioso a puxou para dentro dos escombros de uma casa, olhou em seus olhos e sinalizou que iriam correr assim que fosse seguro, sem reação, apenas conseguia encará-lo com todo o medo do mundo, não se sentia segura, mas confiava nele.

— Agora! — sussurrou.

Correram e correram, estavam próximos do fim da cidade, ouviam sons mais altos de uma população furiosa de humanos, eles haviam feito algo. Bem em frente à saída, um grupo os cercou, não tinham saída, Elora virou para correr e sentiu uma dor intensa na barriga, sentia gosto de sangue na boca, não tinha mais forças nas pernas, um velho grisalho a tinha apunhalado, caiu no chão, sentia dor, angústia, medo, era o peso de milhares de vidas em sua mente, era intenso, olhando para o céu, não pensava em nada, apenas não entendia a morte, onde estava sua antiga vida?

— Não, não, não, não... — o homem misterioso seguiu dizendo ajoelhado segurando seu corpo. Chorava e gritava, enquanto tentava estancar o sangramento. — Fica acordada, você consegue. — olhou para o grupo que permaneceu parado observando a morte. — por que não está curando? Por quê? — gritou.

— Ela morreu, a adaga continha veneno, acabou pra você.

— Não foi ela.

— Eu sei! Que isso lhe sirva de lição, fez um juramento, trate de cumprir. — disse um homem alto e velho, tinha cabelos dourados e olhos azuis, era magro e aparentava ser um líder, sem nenhuma piedade, virou e saiu, os demais do grupo pegaram Lola, ela ainda conseguia ouvir e ver o que acontecia, estava quase fechando os olhos.

— Ahhhhhhh! — o homem misterioso gritou em desespero contra algo terrível.

Foi a última coisa que Elora ouviu, um barulho perturbador.

Com um susto, ela acordou, tremendo e suando, com calafrios que se estendiam por todo o corpo, a respiração e o coração estavam mais rápidos do que nunca; manteve seu olhar para o teto de seu quarto por alguns minutos até perceber que tudo aquilo não passara de um pesadelo, o pior de todos, passou as mãos no rosto na tentativa de se acalmar e voltar para a realidade. A casa estava silenciosa, o que significava que sua mãe ainda não tinha chegado, a última coisa de que se lembrava era de ter apagado

enquanto conversava com Amanda, “acho que ela foi embora”, pensou.

— Quanto tempo eu dormi? — sussurrou para si mesma.

Levantou devagar, sentou-se e esticou o braço até seu celular que estava na cabeceira ao lado da cama. Sentia dores fortes no corpo, como se estivesse com um resfriado, sem pensar muito, sabia que precisava de um bom banho, e que isso lhe faria bem no momento. Ao olhar a hora, viu que já eram quatro e meia da tarde. Logo sua mãe voltaria para casa, então tinha pouco tempo para procurar por respostas e pelo real motivo da mudança repentina. Em pequenos e pesados passos, caminhou até a suíte; no espelho era possível enxergar até a metade de seu corpo, ainda com as roupas de escola, foi se despiando aos poucos, primeiro tirando a camisa e logo em seguida a calça jeans, estava frio, então não se sentia bem sem as roupas, fechou a porta e abriu a água da banheira. O banheiro era inteiro de azulejos azul-claros, com uma pia branca central e um grande espelho que se estendia por toda a parede, a banheira não era grande, e o chuveiro permanecia embutido acima dela, formando um ambiente com dupla utilidade. Quando encostou seus pés na água quente dentro da banheira sentiu uma leve pontada no ombro esquerdo, não era forte, mas incomodava bastante; virou-se devagar em frente ao espelho a fim de tentar enxergar o que havia em suas costas, lá estava uma mancha escura ainda indeterminada, como se fosse um desenho mal formado, parecia uma rosa dos ventos, feita de sangue pisado acima de uma cicatriz de queimadura que não existia antes. “Mas que porra é essa?...” , pensou. Um pouco nervosa, entrou na banheira e afundou seu corpo até os ombros, pegou a esponja que usava para lavar seu corpo e esfregou forte no local, depois de longas tentativas sem sucesso, desistiu de retirar a marca e terminou seu banho ainda mais irritada e inquieta, secou-se e vestiu-se com roupas de casa, uma calça de moletom branca e uma blusa rosa clara de manga colada no corpo, os cabe-los enrolados em um coque deixavam um ar casual a sua aparência, depois de deixar a toalha molhada estendida na porta de seu guarda-roupa, seguiu para fora do quarto em direção ao escritório de sua mãe, assim que abriu a porta, olhou delicadamente pelo corredor para ter certeza de que estava sozinha na casa, ambos os lados do corredor estavam totalmente apagados e silenciosos, a porta do escritório parecia estar trancada, já que Alice sempre passava a chave antes de sair. Mesmo sabendo que estava sozinha, seus passos continuavam silenciosos e lentos, como se tivesse receio de ser vista, caminhou até a frente da porta, com as mãos frias tocou a maçaneta de ferro banhada em prata, ela parecia quente se comparada ao gelo de sua mão trêmula, com apenas um pouco de força girou a maçaneta e, como o previsto, estava trancada.

— Droga! — disse sussurrando pra si mesma.

Pensava em inúmeras maneiras para abri-la, mas sabia que a chave estava provavelmente junto a sua mãe no trabalho. Foi então que, encostada com a cabeça na porta, lembrou que ainda poderia abrir com um grampo, “tão óbvio” — pensou — “Mas como vou fechar depois? Quando ela

chegar, vai saber que abri.” Esperou alguns segundos enquanto seus pensamentos culminavam, a insegurança e curiosidade eram muito maiores do que qualquer castigo ou moral que poderia receber, afinal ela tinha o direito de saber, esse foi o estalo definitivo para que fosse correndo até o banheiro a fim de pegar um de seus grampos. Novamente em frente à desafiante porta, colocou o grampo delicadamente na fechadura, rezando para que funcionasse, demorou alguns instantes até que entendesse o verdadeiro mecanismo e conseguisse finalmente abri-la.

— Isso! — disse em tom forte e feliz, demonstrando a importância de sua conquista momentânea.

Depois de comemorar, atentou-se aos próximos passos de seu plano, sabia que estava entrando em um território pouco conhecido, a sala era escura, a última vez que tinha entrado nela tinha sido quando beirava seus quinze anos e ambas ficaram horas planejando os enfeites de seu aniversário, então é claro que iria estranhar de primeiro momento. Com as luzes acesas, tudo parecia igual há dois anos, o piso inteiramente de madeira antiga, as paredes vinho aveludado, que davam um ar de seriedade ao local, bem ao centro, uma mesa de madeira envernizada clara com um grande computador e monitor em cima, os teclados eram pretos e antigos, a cadeira giratória era forrada de tecido poroso, era um lugar relativamente espaçoso e ao mesmo tempo frio e responsável.

Assim que sentou na cadeira, começou a procurar nas gavetas para ver se encontrava algo, contudo, as únicas coisas encontradas foram o pedido de transferência com os dados de Elora, o que comprovava que a viagem e a mudança eram reais, junto a isso, encontrou também a contrato de venda da casa e duas passagens para a Romênia com chegada para o dia vinte de junho, o motivo, no entanto, era incerto. “Será que ela finalmente entendeu que preciso estar perto da família” — pensou — “Talvez ela tenha encontrado um emprego melhor, deve haver um bom motivo.” Seus pensamentos estavam a mil, a curiosidade aguçava cada vez mais, e não conseguia encontrar palavras ou frases que expressassem tamanha felicidade por estar voltando para sua cidade natal, seu maior desejo finalmente estava se realizando.

Rapidamente, Elora se aproximou da cadeira e sentou-se, a porta já vivia trancada, por isso o computador não possuía senha, “Por que ela esconderia algo de mim?” — pensou por um segundo, tentando imaginar quando foi a última vez que sua mãe havia mentido, além de esconder as surpresas de aniversário e demais datas comemorativas. Para Lola, era complicado pensar em Alice como uma mentirosa, principalmente porque o lema da família era contar a verdade acima de tudo. Com as mãos suadas, porém frias, tocou o mouse e foi até a pasta de arquivos do pen drive, não continha nada de importante ou especial, olhou os arquivos na pasta de documentos e na biblioteca e, ainda assim, não encontrou nada além de trabalho e fotos das duas. “Que saco, droga!” — pensou. Só faltavam dois únicos lugares para checar, o celular e o e-mail, “O celular é uma puta saca-

nagem, não gostaria que fosse feito comigo” — refletiu — “vai ter que ser o e-mail então” — concluiu em sua mente, apenas sussurrando de leve, *como* se estivesse pensando alto. Nesse momento, olhou o horário na tela do computador, eram quinze para às seis da tarde, sua mãe chegaria rápido, tinha que agir e tomar uma decisão; sem nem pensar duas vezes, abriu o e-mail, sabia a senha e o usuário desde que era criança, mas nunca entrou a menos que fosse pedido, principalmente por respeito à mãe, que ficou muito abalada depois da morte do marido, pai de Lola.

— Mas que porra é essa? — disse com a boca trêmula e os olhos arregalados.

Lá estava o motivo, escancarado na primeira página, e-mails trocados entre seu tio e sua mãe. O motivo principal? A doença terminal de sua avó, da qual não tinha notícia há meses, além disso, textos claros de um romance entre eles, uma noite inesquecível, como dito na mensagem. Tudo de uma vez só, e muitas mensagens consecutivas explicando muito mais do que jamais sequer poderia ter imaginado, seu mundo desmoronou mais uma vez, a única pessoa em quem confiava plenamente estava prestes a falecer, e só agora depois de meses descobriu, tudo o que Lola conseguia pensar era no porquê, qual o motivo de mentir.

Com muita raiva, levantou-se e saiu sem nem mesmo esconder seus rastros, desceu as escadas e foi até a cozinha, sentia uma dor a consumindo, uma escuridão, sua cabeça e seu corpo queriam ser levados até lá, queria morrer, sentia tanta dor, falta de ar, como se o mundo estivesse parado, ouvia sua respiração e sentia seu coração cada vez mais pesado, queria destruir tudo o que viesse em sua direção, e ao mesmo tempo queria entender o lado daqueles que a enganaram, nada era por acaso e, para descobrir, precisava fingir, precisava ser forte.

“Seu e-mail acaba de ser logado em outra rede” — uma mensagem em seu computador de trabalho acabara de chegar.

Alice sem pensar muito clicou em visualizar localização para ver onde seu e-mail *tinha sido aberto. Não demorou muito, na mesma hora entendeu o recado.*

— Fodeu, Fodeu!!!

Seu estômago embrulhou, sentiu um enorme desconforto, sabia que estava ferrada, pegou seus documentos, saiu do escritório, pegou o carro e foi em direção a sua casa, a merda tinha se espalhado, e agora, teria que resolver logo, mas uma coisa estava certa, a vida de Lola mudaria para sempre.

O4

Elora Licht

A sala de estar da casa dos Licht permanecia sempre vazia, com lindos tapetes coloridos e sofás aveludados em torno de uma aconchegante lareira, era um lugar grande, mas não se igualava a uma mansão, no total, eram três quartos, o principal, com uma grande cama onde Elizabeth repousava já que estava doente e praticamente em seus últimos dias de vida, e uma suíte, um quarto com duas camas de solteiro, onde Martim dormia para cuidar de sua mãe, e o quarto do fim do corredor, que na verdade funcionava como o antigo quarto do pai de Elora, era seu escritório pessoal, embora não fosse muito espaçoso, era aconchegante e chique, mas desde sua morte, ninguém dormira lá, e a porta se mantinha trancada.

— “*Trim! Trim!*” — o telefone celular tocava incessantemente.

— Alô?

— Martim! — disparou ofegante. — ela descobriu, ela sabe! — Continuou...

Alice falava desesperadamente com a voz trêmula.

— Quem? E o que ela sabe? Precisa se acalmar. — respondeu como pôde para tentar entendê-la.

— A Lola invadiu meu *e-mail*, *ela deve ter lido tudo, e agora já sabe sobre a Beth*. — *disse em tom alto e com voz de choro*.

— Fica calma, vai ter que explicar para ela, se apavorar não resolve nada, às vezes foi um engano e ela nem viu nada.

— Ela nunca mais vai confiar em mim. — resmungou.

— Onde você está? Quer que eu ligue para ela? — perguntou preocupado.

— Estou indo para casa, não fala nada com ela, nem liga, eu vou resolver isso, mas preciso que avise a Beth. Eu prefiro que você explique todo o resto, vou falar só o necessário.

— Eu irei pegar um avião amanhã para me encontrar com vocês e então poderei explicar tudo da maneira correta para ela, sem alardes.

— Eu vou esperar. — a voz se acalmou.

— Ok! — respirou fundo. — acha que ela leu?...

— O quê? — interrompeu.

— Sobre nós. — continuou, enquanto engolia seco e andava de um lado para o outro na sala de estar.

— Ai, cacete, tinha me esquecido, e não tem nós, já disse que foi um erro. — gritou.

Desligou o telefone antes que Martim pudesse responder.

— Alice? Está na linha? — disse fazendo uma careta.

Martim sabia que ela tinha desligado e que estava sendo deixado de lado, mas ao mesmo tempo, tinha fortes sentimentos dos quais não pretendia abrir mão, conhecia a história por completo e por isso dava razão a Alice, mesmo que de uma maneira praticamente improvável, Richard poderia voltar, no entanto, muito tempo já havia passado e a cada dia essa possibilidade se tornava cada vez mais distante da realidade. Sem se prolongar, colocou o telefone no gancho e se dirigiu até o quarto da mãe, Elizabeth permanecia deitada em sua cama, seus olhos castanho-escuros permitiam uma profundidade estranhamente bela, tinha cabelos grisalhos, curtos e lisos, seu corpo estava fraco e aparentemente magro, a boca rosada e os olhos puxados lembravam os de sua neta, Elora, suas mãos geladas e brancas assustavam qualquer um que as tocasse, no entanto, não tinha medo da morte, estava preparada desde o dia em que assumiu seu posto de guardiã, “Tudo acontece como tem que acontecer” — essa era sua frase mais corriqueira e Martim jamais se esquecera disso.

Com semblante preocupado se aproximou colocando a água no copo que estava na cabeceira ao lado da cama, sentou-se ao seu lado e disse:

— Mãe! Alice ligou.

— Imagino que não sejam boas notícias, acredito que chegou a hora da verdade. — Beth falou com sua pouca e baixa voz, enquanto esticava seu braço para beber a água.

— De qualquer forma ela irá chegar na Quinta-Feira. — afirmou. — A senhora está bem? — indagou preocupado.

Beth era uma mulher linda e independente mesmo perto da morte; desde a adolescência procurava ser imparcial e ir sempre para o lado que parecia ser o mais correto, espalhava amor em todo lugar por onde passava e enxergava em cada ser vivo a parte bondosa, mesmo que fosse difícil em alguns casos.

Elizabeth vivera por trezentos e vinte quatro anos, mais do que a maioria das espécies que viviam na terra, casou-se com um humano e ignorou o preconceito por parte das demais famílias para com a sua relação conjugal, mas isso não a impediu de liderar como guardiã e impor suas ideias aos demais, era uma mulher à frente do seu tempo, e Elora se parecia muito com ela.

— Fique tranquilo, não irei antes que ela chegue, espero que entenda o

Porque ela é a descendente direta, você é especial de muitas outras maneiras e sempre será um herdeiro da família, fiz questão de deixar boa parte da fortuna para você.

— Eu sei, não estou aqui por isso, eu te amo, se Richard estivesse aqui, estaria aqui também, e tudo isso seria muito diferente.

— Eu te amo, filho, eu sei o puro coração que tem e sei que está apaixonado, mas precisa entender o caminho que está cruzando e, acima de tudo, dar tempo ao tempo.

— Obrigado, mãe! — respirou fundo tentando conter as lágrimas que ousavam escorrer por seu rosto. — mas vamos falar dos preparativos para o ritual, todos já foram notificados.

— Está tudo confirmado? — perguntou preocupada, afinal era um ritual de extrema importância.

— Quase, os Tid confirmaram presença e irão seguir como lhes foi proposto. — afirmou. — o primogênito dos Rickdom está a caminho; como o combinado, Quarta de manhã estarão em Cluj-Napoca. — concluiu. — mas o problema está nos Kennis, o guardião atual diz que o pai não conhece o paradeiro do primogênito, visto que este é um bastardo, então se recusa a procurá-lo e deixar sequer um resquício de sua herança, ele pede encarecidamente que deixe que um dos gêmeos mais novos assuma no lugar.

— Disse retirando uma carta dos bolsos. — aqui está a carta.

— Qual o problema com o primogênito ser bastardo? — perguntou revirando os olhos com desprezo.

— Segundo a carta, é um mestiço vagabundo, deserdado e incapaz de limpar a própria merda. — respondeu com semblante vergonhoso. — O que devo dizer?

— Diga que é impossível reverter o processo, que ele pode ir à merda e se entender com os ancestrais quando forem cobradas suas ações um tanto preconceituosas e insignificantes. Avise para urgentemente entrar em contato com o primogênito ou eu mesma farei antes de morrer.

— Ok, irei enviar um e-mail agora mesmo e uma carta formal, caso ele não esteja apto às novas versões de comunicação.

— Acredito que este homem seja moderno o suficiente para receber um e-mail. — sorriu.

Tim levantou da cama de maneira calma e cuidadosa, deu um beijo no rosto da mãe e saiu. Sentia-se na obrigação de servi-la, pois ela sempre o ajudou e incentivou nos momentos difíceis.

Ainda sem reação, Lola esperava pacientemente por uma resposta

convicta de sua mãe, cansada de chorar, precisava tomar uma decisão de uma vez por todas, as passagens de avião estavam compradas para o dia vinte de junho, exatos três dias contando a partir do dia seguinte, Alice ainda não tinha voltado e poderia chegar tarde, tinha apenas três opções: fingir que nada havia acontecido e esperar, dizer o que havia descoberto para ela e pedir uma resposta plausível, ou pegar um trem para Londres e de lá pegar um avião direto da Romênia, torcendo para sua avó ainda estar bem o suficiente para vê-la, Elora tinha dinheiro guardado, e tudo de que precisava era pegar sua passagem e seguir adiante.

— Então é isso! — disse para si mesma, assim que teve uma luz sobre o que deveria fazer.

Pegou seu celular na configuração de contatos e foi até o nome de seu tio, por um momento hesitou, mas sem pensar muito ligou.

“Tu... Tu... Tu...” — respirou fundo.

Tentava não aparentar nervosismo, até porque se agora sabia que ele e sua mãe tinham um caso, ele certamente a avisaria caso percebesse algo de diferente.

— Alô? Elora? — atendeu confuso.

— Tio? Sim sou eu, está tudo bem? — perguntou com a voz aparentemente normal.

— Sim, e você? — respondeu de maneira nervosa.

— Eu tenho ligado há meses, quero falar com a vovó. — disse autoritariamente.

— Eu sei que tem ligado, mas estive muito ocupado e sua avó está atarefada. — respondeu.

— Há meses? — indagou. — eu sei que está com a vovó, e sei que ela não está bem, então, pelo pouco de afeto que acredito que você ainda tem por mim, vai me deixar falar com ela. — ordenou irritada.

— Lola, tem muita coisa que precisa ser discutida, quando eu estiver aí pessoalmente vai entender...

— Não me interessa o que precisa ser discutido, passa a porcaria do telefone para ela agora ou eu vou pegar um avião e ir até aí. — bradou

— Ok! Mas sua mãe não pode saber, vai fingir que não falou comigo, e o resto é que vocês se entendam, mas, principalmente, tente entender o lado dela. — negociou.

— Tudo bem! — disse aliviada, finalmente ouviria a voz da avó em meses.

— Elora, meu amor... — A voz falha e aconchegante demonstrava saudades.

— Vó... — seus olhos se encheram de lágrimas, lembrava-se das férias

calorosas ao lado de Beth, tinham uma conexão além do normal.

— A senhora está bem?

— Querida, não fique triste, toda vida tem um ponto final, e minha hora está chegando. — tossiu.

— Não diz isso, queria estar aí, eu não fazia ideia de que estava doente, eu deveria estar aí. — murmurou em prantos.

— Está exatamente onde deveria, eu pedi a sua mãe que não falasse nada até estar tudo preparado, teremos um tempo para conversar, eu prometo. Ela tem tanto medo quanto você. — a voz calma eliminava a tristeza e a ansiedade da conversa.

— Mas...

Elizabeth a interrompeu.

— Tudo tem seu tempo Elora, tenha paciência, não podemos conversar muito mais, espere até chegar aqui, e lembre-se mantenha a calma. — Suspirou.

— Tudo bem! — disse triste, porém compreensiva. — eu te vejo logo, fica bem, por favor!

— De agora em diante as coisas vão se esclarecer, eu te amo, meu amor. — desligou.

— Eu também, vó... — sussurrou.

Elora segurava o telefone mesmo sabendo que ele estava desligado. A casa escura e solitária a deixava ainda pior, sentia-se uma inútil, a última a saber de tudo, não conseguia entender nem um terço do que estava acontecendo em sua família. O que estava sendo preparado? Quais coisas iriam ser esclarecidas? Por que todo esse suspense? Essas perguntas a rodeavam o tempo todo, havia perdido sua identidade em tantos meses sozinha e confusa, não sabia como confiar ou em quem confiar; ninguém nem sequer acreditava em uma palavra do que ela dizia. Amanda era a única que expressava algum conhecimento, e até mesmo ela não dizia nada com sentido. Enquanto se perdia em seus pensamentos, escutou o barulho do motor do carro, Alice estava em casa. Sem pensar duas vezes, desceu as escadas devagar até a porta da frente, milhares de sentimentos tomavam conta dela, queria entendê-la e, para isso, precisava deixar de lado qualquer mágoa até porque eram mãe e filha, precisava mostrar que estava preparada para lidar com o que tivesse que saber, era o momento de agir de acordo e ser madura para enfrentar os problemas que estariam por vir, já sabia que sua avó estava à beira da morte e que esse era o motivo para partirem para Romênia, mesmo assim ainda não entendia o que queriam dizer com ritual e por que ela seria a herdeira se Martin ainda estava vivo, sua mãe lhe tinha escondido muitas coisas e agora era a hora de obter as respostas.

Alice abriu a porta, e Elora a encarou com firmeza, os olhos da mãe estavam lacrimejando e seu semblante era de medo e arrependimento, sabia que estava errada, mas o medo a dominava por completo, não queria

expor a filha a algo tão perigoso, independentemente de suas escolhas, era o destino de Lola, e nada poderia mudar isso. Ao contrário do que toda essa confusão deveria levar, Elora se manteve calma e compreensiva, encarava a mãe e via em seus olhos o suficiente para saber que estava arrependida e merecia ser ouvida, tudo parecia muito mais sério do que apenas a doença terminal de Elizabeth. Sem esperar muito, Elora correu em direção à mãe e a abraçou forte, deixando todos os problemas de lado por um minuto, sentia a energia e o amor emanar de todo seu corpo, que estava extasiado com tantas mudanças, o coração de Alice palpitava e sua respiração era forte e rápida, em longos e fortes suspiros de choro, criava forças para pronunciar as primeiras palavras.

— Filha... — disse baixinho enquanto tentava entender o motivo do abraço.

— Eu sei sobre a vovó e sobre o tio Martim e está tudo bem.

— Respirou fundo ainda a prendendo em seus braços. — apenas conte a verdade e não minta para mim, eu te amo e nada vai mudar isso.

— Disse com o coração aberto.

Naquele momento, todas as energias positivas corriam em suas veias, conseguia eliminar toda e qualquer energia ruim e cobri-la de amor. Como? Elora não sabia, apenas sentia que precisava demonstrar confiança para recebê-la.

— Me desculpa, eu só queria te proteger, sei o quanto a ama.

— Os olhos se encheram de lágrimas, a boca trêmula e as bochechas pareciam inchadas enquanto Alice prendia o choro. — e sobre o Martim...

— continuou.

A filha interrompeu delicadamente enquanto ainda se entrelaçavam no abraço carinhoso.

— Independente do que houve com o papai, eu quero você feliz, já faz tanto tempo, sei que o aniversário dele está perto e isso te deixa confusa, mas ele se foi, para sempre, precisa viver sua vida.

— Eu sei. — disse enquanto se soltava da filha, seu semblante havia mudado, estava mais sério e recuperado, quase como se tentasse desviar de algo. — deve estar com fome? — desconversou indo em direção à cozinha.

— Eu liguei para a vovó! — exclamou relutante.

— O que ela te disse? — indagou séria.

— Sei que tem mais coisa que precisa me contar, e entendo que quer o meu bem, mas acho que vou descobrir de um jeito ou de outro.

— Sorriu. — conte-me aos poucos, começando com a vovó.

As palavras ternas e suaves convenciam facilmente a mãe, que se encontrava abalada; mas mesmo assim não era o suficiente para que toda a verdade fosse revelada, a mais importante foi mantida em segredo.

— Ok! — respirou fundo tentando manter a calma, as mãos expressavam o nervosismo em pequenos e curtos espasmos. — mas precisa acreditar em mim, no começo eu também não aceitei bem, e confesso que achei um pouco maluco, mas com o tempo ficou mais fácil. — falou em tom de desespero, tentando não parecer confusa.

— Eu acredito em você! — exclamou indo em direção à mesa da cozinha.

Puxou a cadeira e se sentou junto a sua mãe que olhava fixa em seus olhos.

— Pode começar... — afirmou.

— Bem, antes de tudo, quero que saiba que pode desistir, não é uma obrigação, se não se sentir...

Elora bradou

— Mãe! — Alice arregalou os olhos. — por partes, primeiro me conta, depois a gente vê o resto.

— Tudo começou quando conheci seu pai em Cluj- napoca, eu estava viajando com a minha família e o conheci na biblioteca central, ele era muito inteligente e gostava muito de ler. Com o tempo, depois de alguns anos mantendo contato, eu fui inserida na família dele, conheci sua avó e seu tio, eles pareciam normais a princípio, mas, em alguns meses, ele me contou a origem da família, e me deu a liberdade de ir embora para seguir com a minha vida, eu estava apaixonada, então por mais que soasse maluco, eu aceitei.

— Aceitou o quê? — indagou pausadamente.

— Seu pai fazia parte da linhagem de Soerguer, como ele nasceu homem, não herdou o poder da família, era como um humano normal, exceto pelo fato de envelhecer lentamente. — disse franzindo os olhos, imaginando a reação da filha.

— Soerguer? O que é isso? — perguntou com os olhos estalados, tentando se forçar a acreditar que sua mãe não seria capaz de inventar algo tão absurdo.

— Como vou explicar isso? — disse pensativa. — existem várias espécies no mundo, o ser humano é uma, mas existem outras espécies que se escondem e se misturam na terra, você é uma delas, possui aparência normal de um humano, porém tem habilidades que eles não têm.

Franziu uma das sobrancelhas tentando soar naturalmente.

— Me desculpa, mãe, mas, sério, podia ter inventado uma desculpa melhor, o que você está dizendo é praticamente impossível. — levantou-se da cadeira lentamente, a fim de encerrar a conversa.

— Não estou inventando. Olhe tudo o que você vem passando, as visões, sensações, está sendo procurada, eles sabem o que você é! — exclamou, tentando convencer a filha de que estava dizendo a verdade.

— Você disse que era estresse, lembra? Disse isso hoje de manhã, como isso pode fazer sentido, nunca nem me deu ouvidos, todos esses meses? — gritou angustiada. — como pôde mentir para mim?

Uma lágrima escorreu do rosto de Elora, que se afastava cada vez mais da mãe.

— Eu achei que pudéssemos viver como pessoas normais, pensei que poderia tirar isso de você. — disse lacrimejando. — me perdoa, por favor!

Alice implorava para que a filha acreditasse, nunca passou pela sua cabeça que seria tão difícil de contar.

— Como quer que eu acredite nisso? Eu sei o que eu passo todos os dias, sei o que sinto, se me dissesse que sou médium, ou até mesmo uma bruxa, seria mais fácil, mas Soerguer? Nem sei que diabos é isso. — desabafou ainda em tom alto.

— Me deixa terminar de explicar. — bradou em desespero.

— A vovó? O tio Martim? — balbuciou.

O semblante de Elora ainda era de desconfiança

— Também são Soerguers. — assegurou. — não é uma Espécie conhecida, são uma das quatro famílias descendentes, as primeiras que pisaram na Terra, as mais fortes dentre todas as outras que andam neste mundo, por isso é tão importante que se escondam. — respondeu séria.

— Por isso não me contou? Estava com medo de me caçarem, é isso? — perguntou ironicamente.

— O que mais quer que eu diga, Elora? Essa é a verdade. — disse.

Enxugava as poucas lágrimas que ameaçavam escorrer pelo seu rosto e, logo em seguida, sorriu com desespero.

— Ok! — indagou.

Elora chegou mais perto e novamente sentou-se na cadeira dizendo:

— Quer que eu acredite? Eu faço as perguntas então. — falou com convicção. — é melhor saber responder. — ameaçou.

— Ok! — Alice engoliu seco.

— Desde quando eu comecei meus poderes?

— Aos dezesseis anos, sua primeira profecia.

— E a espécie? O que exatamente ela faz?

— Os Soerguers são responsáveis por realizar profecias, curar, nutrir e manipular energia vital, conseguem acessar memórias e coisas do tipo e envelhecem de maneira mais lenta. — respondeu com os braços cruzados.

— Então eu não me machuco? — ironizou — isso é insano.

— Concluiu.

— Quando foi a última vez que esteve doente? — rebateu.

— Tá de sacanagem? Isso é completamente relativo, eu não fico contando. — bufou, negando com a cabeça.

— Elora! Quando foi? — insistiu. — não lembra, não é?

— O que isso tem a ver? Muitas pessoas são resistentes. — justificou.

— E a última vez que se machucou? Lembra? — disse ainda mais convicta.

Elora baixou a cabeça para pensar e realmente não fazia ideia, talvez nunca tivesse se machucado.

— Eu não lembro. — falou baixinho um pouco assustada.

— As Soerguers se tornam mais resistentes aos doze anos e passam a se regenerar, aos dezesseis passam a profetizar e ter visões do passado e futuro, aos dezesseis adquirem o dom de nutrir e curar outras pessoas.

— Disse levantando da cadeira e seguindo em direção à pia da cozinha, em uma das gavetas de madeira branca pegou uma faca afiada, usada para cortar carne.

— Na...Não é possível, isso não faz sentido, eu... — gaguejou em negação, olhando para onde a mãe havia se deslocado, ao ver a faca na mão dela, sentiu-se confusa e com medo. — mãe, o que está fazendo com isso?

Alice se aproximava cada vez mais.

— Vai ficar tudo bem! — pegou o braço de Elora e passou a faca.

— Ai! — Elora gritou apavorada e de dor — Está maluca? — Perguntou gritando.

Ao olhar para o braço, lá estava a prova viva, aos poucos a pele se reconstruía, cada célula, músculo e pele iam rapidamente retornando aos seus locais de costume, o ferimento se fechou sem deixar nem mesmo uma cicatriz qualquer, a dor era mínima, quase imperceptível, não teria como contestar, Alice estava falando sério, e isso assustava Elora mais do que qualquer coisa.

— Vai me ouvir agora? — perguntou exausta de tentar explicar.

Elora balançou a cabeça simbolizando um retraído sim.

— Elizabeth é uma anciã, seu tio vai conseguir explicar melhor, mas, a princípio, essas quatro poderosas famílias possuem seu próprio ancião ou anciã, que é responsável por guardar as memórias e conhecimentos gerados ao longo dos anos sobre a própria espécie.

— Porque não me disse antes aos doze anos, quando comecei a manifestar os poderes, segundo o que você disse. — indagou em suspeita.

— Como eu disse, eu não queria contar, queria que vivesse uma vida normal.

— Tá, mas por que está contando agora? — falou em tom de acusação.

— Quando Elizabeth previu a própria morte, pensei que Martim fosse

assumir o lugar dela, com a herança e o posto de ancião.

— E ele não vai assumir? Ele é o único filho! — afirmou.

— Homens não possuem poderes, não têm direito à herança nem ao posto de ancião. Sendo assim, você é a única descendente direta. Quando fiquei sabendo, recebi um prazo para esclarecer tudo a você.

— E eu sou a única que existe na terra? — ironizou.

— Sim, é a única que possui a genética. — afirmou.

— E as outras famílias de que falou?

— Cada família é de uma espécie e existem milhares de outras espécies antigas e novas, que se submetem às quatro famílias ancestrais, mas você é a única que restou dos Licht. Eu não conheço os outros, sempre optei por me afastar, isso é mais perigoso do que pensa. — pegou na mão da filha.

— Isso é muito confuso, se eu me aprofundar mais, entender todo o contexto, talvez fique mais fácil.

— Martim está a caminho, logo ele poderá explicar tudo para você, vai se aprimorar com o tempo.

— Mas o que eu faço então, se ninguém sabe da existência de nenhum de... — esperou. — nós

— As coisas são sérias, Elora, existem leis e regras, assim como com os humanos, e, além disso, existem movimentos que lutam por poder, território e têm ideologias opostas. Eles costumam caçar os sobrenaturais, funciona como uma guerra em silêncio, quando visto de maneira superficial, parece lindo e maravilhoso, mas, quando se olha um pouco mais de perto, percebe o quão perigoso e mortal é estar bem no campo de batalha.

— E os humanos sabem?

— Alguns, mas a maioria não. — suspirou... — por enquanto.

— Afirmou. — De qualquer forma, é importante saber que agora Elizabeth está prestes a falecer, precisa se preparar para o pior.

— Se tudo isso faz parte de mim, não posso mudar.

— Você é mestiça, e isso é um problema, existem movimentos que acreditam que mestiços não têm direito à terra ou ao poder, são vistos como versões fracas e defeituosas das espécies originais, e muitos os matam. Assim como também existem movimentos a favor, há humanos que caçam qualquer ser sobrenatural, aos poucos vai entender por que queria te manter afastada de toda essa loucura, mas agora não adianta, eles estão atrás de você, por isso pedi para a Amanda...

Elora interrompeu.

— Amanda? Não me diga que...

— Sim, ela também é um ser místico.

— O que ela é? — pergunta ainda em choque.